

Preguiça x Cultura

20 JUN 1994

Paulo Pestana

O cinema indiano tem uma das maiores produções do mundo, alcança fácil a marca de cem filmes anuais. Nesta quinta-feira uma boa parte da obra do diretor Satyajit Ray começa a ser mostrada em Brasília, mas o que vai ser visto na verdade é a incompetência da programação cultural da cidade. Se o cinema hindu já é um redutor de público, a apresentação dos filmes com legendas em inglês é um abuso para uma sala de 700 lugares, com ar refrigerado e funcionários pagos pelo erário.

Não entra em discussão aqui o valor do cinema indiano, que tem uma linguagem própria, uma filmografia extensa e um mercado de fazer inveja ao resto do mundo. Mas, apresentar um ciclo de filmes estrangeiros — qualquer que seja o país — em sessões contínuas e num cinema das dimensões do Cine Brasília, é o retrato do que a preguiça pode fazer contra a cultura. Por que a Fundação Cultural não equipa uma sala pequena, como a Alberto Nepomuceno ou tantas outras espalhadas pela cidade e sem uso? Alegar falta de verbas não vale, já que há, na cidade, cabines prontas para serem usadas.

O êxodo de frequentadores do Cine Brasília é visível. Mesmo quando não se tem uma mostra de filmes estrangeiros legendados em língua estrangeira, a programação é louca. Semana passada, por exemplo, estavam exibindo "Os Visitantes", um estrondoso sucesso do cinema francês, capaz da proeza de conseguir mais público do que "O Parque dos Dinossauros", de Spielberg. Só que a cópia era dublada em português, com todos os defeitos que uma dublagem pode ter. Alega-se até que na Europa grande parte dos filmes apresentados nos cinemas são dublados na língua do lugar da exibição — só que aqui a cultura é outra. Dublagem é para televisão, e as pessoas saíram indignadas do cinema.

Sabe-se que os responsáveis pelo Cine Brasília têm tentado fazer uma programação melhor e esbarram na cara feia dos distribuidores brasileiros. Mas é preciso todo um esforço para evitar que se tenha que encher

linguiça com mostras intermináveis que atingem a um público reduzido. O Cine Brasília não pode ser uma sala para poucos, já que cabe uma multidão em seu recinto. De qualquer modo, vale uma recomendação: os filmes de Satyajit Ray, ainda que traduzidos para uma outra língua, merecem ser vistos.

Casa de Cultura — O Espaço 508 Sul, um conjunto de lugares onde se faz e se mexe com cultura, tem sido uma das vitórias da Secretaria de Cultura. Com um público circulante muito grande, é utilizado para exposições — a propósito, a união de Bené Fonteles, Rômulo Andrade e Gallina, entre outros, na mostra o Tao do Cerrado é obrigatória — e até para reuniões de adolescentes envolvidos com um enigmático e fascinante jogo, o RPG, que é indecifrável

para maiores de 25 anos. Há, por lá, uma série de oficinas que funcionam como uma fábrica de novos artistas e uma inquietação que não se via faz tempo na cidade.

O administrador Tetê Catalão reclama que em artigo anterior foi mostrado que há duas salas que

**No caso
do cinema,
não se
pode alegar
falta de
verbas,
a desculpa
que
serve para
tudo**

podem funcionar como espaços alternativos para vídeo e cinema no lugar. Há, e isso já é sabido, uma sala de vídeo, que conta com um acanhado monitor de televisão e um videocassete doméstico, uma aparelhagem insuficiente para a reunião de mais de 30 pessoas. O que se reclama é que o espaço pode abrigar uma programação mais constante a partir de um melhor aparelhamento do lugar, o que certamente não será resolvido sem empenho da Secretaria de Cultura. Os japoneses que equipariam o lugar, como se fossem os ancestrais ninjas, sumiram sem deixar sequer a fumacinha característica. Mas surpresas virão, breve.